

**Escrito nas Estrelas:  
almanaques astrológicos, relicários do tempo, prognósticos do destino**

*Rosilene Alves de Melo\**

**Resumo**

Esta pesquisa estuda o universo das relações entre cultura, natureza e mundo sobrenatural a partir dos almanaques astrológicos de feira, anuários de orientação meteorológica para agricultores editados no Brasil. Estes livros apresentam e articulam saberes do hermético campo da astrologia, numerologia, magia e prognósticos. A partir dos almanaques, interessa investigar as formulações dos leitores em relação aos seus ensinamentos e cosmologias.

**Palavras-chave:** almanaques, cosmologias, astrologia.

**ABSTRACT**

The present article intends to analyze the universe of the relations between culture, nature and supernatural in astrological registers, yearbooks of meteorological orientation for agriculturists edited in Brazil. These books articulate to know of the air-tight field of the astrology, numerology, magic and prognostics. On the registers intends to investigate the formularizations of the readers in the relation to its teachings and cosmologies.

Key-word: astrological registers, cosmology, astrology.

Abril de 2008, dia nove, quarta-feira, sete da manhã. Para os demais moradores do Rio de Janeiro, uma manhã como outra, sem nenhum grande acontecimento na crônica diária dos jornais. Para mim, provavelmente também seria um dia comum não fosse por um detalhe; era o dia do meu aniversário e havia uma decisão a tomar: escolher entre aproveitar o dia para visitar algum ponto turístico da cidade – estava no Rio de Janeiro há apenas um mês – ou ir à Fundação Casa de Rui Barbosa, onde estava realizando pesquisas. Pelos inexplicáveis motivos que só alguém que está iniciando um doutorado conhece, acabei optando por ir à Casa Rui Barbosa.

---

\* Professora da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Aluna do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA/UFRJ. Orientador: Dr. Marco Antônio Gonçalves Teixeira.

Na volta, desembarquei na Estação Carioca, no centro da cidade, onde todos os dias os passageiros do metrô encontram bancas de livros e revistas usados. Por diversas vezes já havia me demorado ali, folheando alguns livros, muitos dos quais baratíssimos. Numa destas incursões encontrei três livros importantes para esta pesquisa: o *Anuário Astrológico para 1995*, de Marco Natali, o *Almanaque Simpatias Populares*, de Cícero Augusto, e um cujo título era bastante singular, *Menino ou Menina: os astros e a hereditariedade*, escrito pelo astrólogo brasileiro Omar Cardoso.

Contudo, naquela quarta-feira, algo inusitado aconteceu durante a costumeira visita à estação. Um dos livreiros, ao me ver observando os livros, reconheceu-me e perguntou: “você gosta desses livros de astrologia, não é?” Fiquei surpresa porque entre tantas pessoas que passam por ali o livreiro não só me reconheceu como lembrou de minha predileção pelos almanaques. Diante da resposta afirmativa ele foi objetivo: “vou levar você a um lugar onde vai encontrar o que procura”. Curiosa, o segui. Andamos poucos metros e logo estou na Livraria Camões, importadora de livros portugueses bastante conhecida na cidade.

Ele me apresentou o proprietário, um homem muito simpático, residente há muitos anos no Brasil, mas que ainda conserva o sotaque lusitano característico. Os dois conversaram rapidamente e o dono da livraria me conduziu a um espaço reservado, um tanto apertado e disse amigavelmente: “divirta-se”.

Para minha surpresa me deparei com uma estante com alguns livros, em francês e inglês, todos sobre astrologia. Pouco tempo depois, fui convidada a voltar minhas atenções para uma caixa de papelão, em pleno chão da livraria. Mais uma vez, o recado amigável: “divirta-se”. Que presente inesperado a caixa me reservava! Uma coleção de almanaques franceses, ingleses e norte-americanos, datados do início do século XX. Pelo estado em que se encontrava, supus que há tempos a caixa e os livros estavam ali e ninguém havia se dado conta de sua presença.

Rapidamente negociamos o valor e adquiri todo o conteúdo da caixa, empoeirada, no canto da Livraria Camões. Confesso que não observei de imediato tudo o que havia comprado. No trajeto até Niterói abri alguns exemplares e, surpreendentemente, todos tinham a mesma assinatura na primeira página: Danton Pereira de Souza. Depois percebi que os livros estavam cheios de anotações, indecifráveis à primeira vista. Ao chegar em casa, imediatamente busquei informações a respeito daquele homem, que tudo indicava ser um leitor contumaz de almanaques, cuja coleção havia caído em minhas mãos. Em uma rápida

3

pesquisa na internet – descobri que se tratava do primeiro astrólogo profissional do Brasil. Desnecessário dizer que, para quem acabava de ingressar no Doutorado cuja pesquisa trata da presença dos almanaques astrológicos no Brasil, a coleção de Danton Pereira de Sousa se revelou, ao final do dia, um grande presente de aniversário.

Desde o primeiro contato com os almanaques astrológicos, durante a realização da pesquisa para o mestrado, algo me incomodou profundamente: a quase absoluta invisibilidade sobre esses livros. Não posso dizer que completa porque foi produzida apenas uma dissertação sobre o tema (ALMEIRDA, 1981). Por conseguinte, desse estranhamento surgiu a necessidade de realização deste trabalho. Outras pesquisas dedicadas a estes livros tratam dos almanaques de farmácia (PARK: 1990, NOVA: 1996, MEYER, 2001), o gênero que mais se notabilizou no Brasil graças ao sucesso adquirido pelo *Almanaque Biotônico Fontoura*, editado a partir de 1920 pelo Laboratório Fontoura. Portanto, é notória a indiferença com a qual os almanaques, especialmente aqueles dedicados à astrologia, são tratados pelas ciências sociais. Mas, afinal, de que livros trato nesta pesquisa?

Os almanaques são publicações anuais, sob o formato de calendário, e apresentam indicações astrológicas, previsões meteorológicas destinadas aos agricultores, orientações sobre saúde e comportamento, além de curiosidades, provérbios, receitas, etc. Neste sentido, a publicação mais conhecida deste gênero ainda em circulação é o *Almanaque do Pensamento*, tradicional anuário editado desde 1912, em São Paulo, pela Editora Pensamento.

O sucesso do *Almanaque do Pensamento* inspirou a edição de outras publicações do gênero por pequenas tipografias e editores independentes. Conhecidos como *folhinhas de inverno*, ou *almanaques de feira*, estes livros começaram a ser editados no final do século XIX e ainda hoje são comercializados nas feiras livres e mercados populares. Embora as ciências sociais tenham dedicado poucos esforços na investigação sobre estas publicações, os almanaques astrológicos de feira constituem um importante material de ordem intelectual editado por agricultores, poetas de cordel e profetas. Estes livros ocupam, portanto, um papel singular na divulgação de práticas culturais, cosmologias e na sistematização de saberes tradicionais que há séculos circulam no país.

Os almanaques de feira se destinam aos sujeitos que vivem na zona rural e nas pequenas cidades do interior; voltam-se com mais intensidade para orientar os agricultores a respeito das épocas propícias ao plantio e à colheita, às ocorrências de secas e inundações. Trazem informações sobre plantas medicinais e seus efeitos terapêuticos; apresentam

4

indicações de chás, banhos e outras recomendações para o combate a doenças. Também são indispensáveis como informativos as fases da lua, os eclipses, os santos de cada dia, orações, anedotas, bem como propagandas de remédios, talismãs, anéis e toda sorte de amuletos.

Do ponto de vista editorial, os almanaques de feira guardam muitas semelhanças com os folhetos de cordel, pois são editados nas mesmas tipografias, utilizando os mesmos recursos editoriais. Assim como os folhetos, os almanaques de feira podem ser encontrados no formato de oito, dezesseis ou trinta e duas páginas. Impressos em papel barato, no tamanho de 11x13 cm, com ilustrações na primeira capa, reservam espaço na quarta-capa para a publicidade, através do anúncio de amuletos e da relação revendedores onde os livros podem ser adquiridos. É interessante observar que a maioria dos produtos e serviços anunciados é confeccionada pelos próprios editores/autores: a comercialização dos horóscopos personalizados, talismãs e anéis, compõem outra expressiva fonte de renda associada aos almanaques. Estes livros são sempre lançados no período de setembro a dezembro, quando há uma acirrada disputa entre os astrólogos para garantir o privilégio de lançar as profecias para o próximo ano “em primeira mão”.

*O Vaticínio e Prognóstico do Ano* - editado na Paraíba por José Honorato de Souza, entre 1920 e 1953 - é provavelmente o primeiro almanaque de feira a circular regularmente no Brasil. Alguns almanaques de feira tiveram vida longa e chegaram até nós. Hoje é possível encontrar nas feiras e mercados públicos *O Nordeste Brasileiro* - editado por Manoel Luiz dos Santos desde 1949, em São José do Egito, Pernambuco - o almanaque de feira mais antigo em circulação. *Calendário Nordestino* é o título do almanaque editado pelo cordelista e xilógrafo José Costa Leite, cuja primeira edição data de 1959. Semanalmente José Costa Leite refaz o mesmo percurso e segue da cidade de Condado, Pernambuco, onde reside, para as feiras de Goiana, Timbaúba e Itabaiana, onde encontra feirantes e agricultores ansiosos pelas suas previsões.

Neste sentido, as problematizações desta pesquisa se situam em três eixos: o primeiro, buscar compreender as modalidades de apropriação e recepção dos almanaques pelos leitores, os usos diversos, particulares e criativos que são feitos a partir desses textos; o segundo, analisar as condições de produção e recepção dos almanaques de feira enquanto linguagem, narrativa, que encerram saberes tradicionais, a exemplo da astrologia, contribuindo para a formulação de determinadas cosmologias, valores e práticas culturais; e, por último, problematizar como, no momento da escrita, os editores selecionam, organizam e

5

apresentam os saberes medicinais, astrológicos, meteorológicos e literários tendo em vista atender as expectativas dos leitores;

Atualmente é possível encontrar uma série de almanaques diferentes nas bancas de revistas e outras publicações de cunho astrológicas: livros de signos, previsões astrológicas mensais, livros de interpretações de sonhos, livros sobre simpatias. Publicações com sofisticados recursos de editoração, se comparados aos almanaques de feira, aparecem em número cada vez maior nas bancas de revista, o que contraria o ceticismo em torno do lugar da astrologia como conhecimento na contemporaneidade.

No Brasil, existem poucos acervos de almanaques de feira. O melhor e mais importante acervo do gênero está na Biblioteca Átila Almeida, na Universidade Estadual da Paraíba. A coleção possui cerca de 200 exemplares. Durante pesquisa realizada em 2007, foram catalogadas todas as edições dos seguintes almanaques: *Almanaque Calendário Brasileiro*, *Almanaque de Pernambuco*, *Almanaque do Nordeste*, *Almanaque Aéreo da Paraíba*, *Almanaque Estrela*, *Almanaque O Vencedor*, *Almanaque O Nordeste Brasileiro*, *Almanaque Apolo Norte e Profecia de Nostradamus*, *Almanaque do Ano*, *Almanaque Leão do Norte*, *Almanaque São José*, *Almanaque O Juízo do Ano*, *Almanaque Paranor*, *Vaticínio e Prognóstico do Ano*. Ao longo do processo inicial de pesquisa observei as seguintes características editoriais: autor, título, preço, tamanho, ilustrações, número de páginas, tipo de papel, local de publicação, editora e data de publicação.

Apesar do importante acervo da UEPB, poucas bibliotecas brasileiras cuidaram em reservar espaço em suas estantes para os almanaques. Por se tratar de um livro com feição utilitária, uma vez que as previsões servem para apenas um ano, também são poucos os leitores que possuem o hábito de guardá-los. Além disto, os estudos no campo da literatura brasileira ignoram a presença dos almanaques e de outras modalidades de publicações bastante divulgadas entre os leitores - livros de cartas, orações, cordéis e de sonhos - que não fazem parte do interesse dos estudos literários. A exclusão desses materiais aponta para concepções ainda vigentes, aliás, bastante conservadoras, que consagram como objeto de pesquisas as modalidades de livro e de leitura, não por acaso, aquelas praticadas pelos próprios intelectuais que se debruçam sobre seu estudo.

Estes livros contribuem para a formulação de cosmologias, discursos e práticas sobre as quais ainda paira um profundo silêncio porque questionam as concepções de saber, de conhecimento e de ciência instituídas. É sobre este silêncio que é necessário interrogar,

6

pois, de acordo com Gayatri Spivak, “a condição de subalternidade é a condição do silêncio” (apud CARVALHO: 2001, 120). A contribuição desta pesquisa é dialogar com outras narrativas em jogo que recorrem a outros textos produzidos antes mesmo do discurso de matriz cartesiana, fundador do pensamento científico moderno, se tornar hegemônico no Ocidente. Narrativas complexas, impressas, produzidas noutros espaços de enunciação e por outros sujeitos colocados nas bordas, nas dobras e nas frestas dos lugares de verdade construídos historicamente no Brasil. Interessa compreender o lugar que os almanaques ocupam como manuais de orientação, conselheiros, guias e profetas, investidos do poder de revelar o futuro, antecipar o infortúnio, a sorte e mudar o destino das pessoas.

Qual o contraponto da indiferença? A capacidade de estar dentro de uma cultura e ser diferente, exercer a diferença sem que haja sobre este conjunto de práticas culturais alguma visibilidade. A (in)diferença como possibilidade que é dada a sujeitos, objetos e textos de circularem livremente, à olhos vistos, sem que “ninguém” se incomode com isto. Significa manter a liberdade para estar, continuar e permanecer na rede discursiva de significações sem que sobre este saber atuem os esforços disciplinares, justamente por seu caráter supostamente ingênuo, supersticioso, falso, desprovido de verdade. Aprendemos com Michel Foucault (1996, 2007) que os mecanismos do poder disciplinar têm especial apreço pela verdade. O conhecimento científico, como campo disciplinar por excelência, não poderia perder tempo com cosmovisões comprovadamente “falsas”. Creio estar aí a chave para entender como este conjunto de práticas, saberes, textos, imagens e, sobretudo, sujeitos, foram ao longo do tempo, relegados ao esquecimento.

Creio que tão importante quanto o estudo dos processos de elaboração, transformação e transmissão de saberes e práticas culturais é a análise dos processos de exclusão, separação e segregação daquilo que não é privilegiado pelo “olhar” científico, que não merece atenção, que repousa no esquecimento. Estas práticas culturais e os vestígios de sua presença continuam, obstinadamente, permanecendo à sombra, nas bordas, percorrendo em silêncio e atravessando o labirinto das trajetórias pessoais e coletivas, na quietude da qual retiram a sua força.

A esta permanência eu atribuo o significado da resistência. Resistir é (re) existir, não é apenas o confronto, como o significado consensual da palavra resistência nos remete, mas existir duas vezes, é ter fôlego, é ter sete vidas. Estar presente, se fazer presente, se fazer palavra, lavar as folhas em branco, lavar o chão de significações no qual inscrevemos a cultura.

As pessoas que passaram pela Livraria Camões até o nove de abril de 2008 pisavam, quem sabe distraídas, sobre um chão de estrelas que, de agora em diante, ocuparão as estantes da minha biblioteca.

**Bibliografia:**

- ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1999.
- Almanaque do Pensamento**. São Paulo: Editora Pensamento.
- ALMEIDA, Ruth Trindade de. **Almanaques populares do Nordeste**. 1981. 225f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- AUGUSTO, Cícero. MAGGI, Nadia. **Almanaque Simpatias populares**. São Paulo: Nova Sampa, s.d.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOLLÈME, Geneviève. **Les almanachs populaires aux XVII et XVIII siècles**: Paris: La Haye Mouton, 1969.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- CARDOSO, Omar. **Menino ou Menina: os astros e a hereditariedade**. São Paulo: Editora Urano, 1965.
- CARVALHO, José Jorge. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos* 2001, ano 7 (15): 107-147.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Inscrever e Apagar: cultura escrita e literatura**. São Paulo: UNESP, 2007.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2005.
- COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia. A contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2006, vol 21 (60).
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.
- LEITE, José Costa. **Almanaque Calendário Brasileiro**. Condado – PE.
- MARSHALL, Peter H. **A astrologia no mundo**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.
- MELO, Vicente Vitorino de. **Almanaque do Nordeste**. Caruaru – PE.
- MEYER, Marlyse (Org.). **Do almanak aos almanaques**. São Paulo: Ateliê Editoria, 2001.
- NATALI, Marco. **Anuário Astrológico: seu horóscopo para 1995 com previsões para o seu signo mês a mês**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.
- NOVA, Vera Casa. **Lições de almanaque: um estudo semiótico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ROSSI, Paolo. Sobre o declínio da astrologia nos inícios da Idade Moderna. In: **A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da Revolução Científica**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- SANTOS, Manoel Luiz dos. **Almanaque do Nordeste Brasileiro**. São José do Egito – PE.
- SANTOS, Sebastião Pereira dos. **Almanaque Apolo Norte e Profecia de Nostradamus**. Campina Grande – PB: s. ed.

8

SILVA, Caetano Cosme da. **A Verdadeira Profecia e Almanaque de Frei Vidal da Penha**. Guarabira – PB.

SILVA, Francisco Augusto da. **Almanak do Ano**. Crato – CE.

SILVA, Manoel Caboclo e. **Almanaque O Juízo do Ano**. Juazeiro do Norte: Tipografia e Folhetaria Casa dos Horóscopos.

THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VILHENA, Luís Rodolfo. **O mundo da astrologia: estudo antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.